

RESENHA

REICH E PIAGET: DOIS ESTUDIOSOS DOS FENÔMENOS HUMANOS

Maria Terezinha Carrara Lelis

Psicóloga formada pela F.F.C.L. – USP, Ribeirão Preto – SP. CRP: 21165. Psicopedagoga formada pela EpsiBA (Escuela Psicopedagógica de Buenos Aires). Psico terapeuta Corporal pelo Instituto LUMEN, Ribeirão Preto – SP. Atualmente mestranda no Programa de Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia e aluna do Curso de Formação em Análise Bioenergética do Instituto LUMEN – RP.

BELLINI, Luzia Marta. **Afetividade e Cognição**: O conceito de auto-regulação como mediador da atividade humana em Reich e Piaget. São Paulo, Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, USP. 1993.

Início essa resenha, fazendo algumas considerações sobre a autora. Luzia Marta Bellini é brasileira. Graduou-se em Biologia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto. Obteve o grau de Mestre em 1985; doutorou-se pela Faculdade de Psicologia da Universidade de São Paulo; é professora da Universidade Estadual do Paraná, na cidade de Maringá.

A autora, em sua Tese de Doutorado, apresenta um aporte de seu conhecimento de origem – a Biologia. Aborda os autores Reich e Piaget, mesmo com condutas e posturas políticas diferentes entre si e coloca no centro de suas preocupações o Homem. Bellini brinda-nos com uma reflexão rica e complexa em que busca compreender a totalidade dos fenômenos que envolvem as atividades humanas, ou seja, o Homem nas relações que estabelece com o mundo, em uma linguagem biológica – o ser vivo e o meio que habita. Segundo a autora, as duas teorias são radicalmente diferentes das concepções clássicas dominantes e complementam-se por resgatarem concepções do Homem e da Vida. “Ambas são teorias críticas da visão reducionista do vivente. Isto é, ultrapassam a mera visão atomista do organismo e de um cérebro que só responde aos estímulos ou sensações do real.” (1993, p. 11). Reich e Piaget, na construção de suas teorias, tiveram como substrato conceitos das ciências biológicas e suas posições apresentam originalidade que é até os dias de hoje “novidade” para as ciências humanas. Os dois autores partem, em suas teorias, de um princípio geral que irá nortear seus trabalhos: o princípio de auto-regulação ou sabedoria do corpo, ou regulação. Entende-se por auto-regulação a busca do equilíbrio do corpo diante das exigências do meio; é a tendência ao equilíbrio de um organismo que atua e sofre a ação no meio em que vive. O ensaio busca investigar a relação entre afetividade e cognição, e o conceito de auto-regulação permite vincular a afetividade à cognição.

A pesquisadora recorre à história do pensamento biológico para conceituar auto-regulação. Este conceito aparece na segunda

metade do século XIX, na Fisiologia e na Embriologia. Ela discorre ainda sobre a influência do mecanicismo e do reducionismo na Biologia, com a constituição da Genética por meio de um modelo endógeno, onde as variações do organismo são apenas combinações internas de partículas (genes), em que não há “interação” entre o organismo e o meio ambiente. Na década de 30, do século XX, um grupo de pesquisadores busca construir uma abordagem globalista (genética, fisiologia, evolução e embriologia) ou de totalidade – uma reorientação científica em busca de superar o mecanicismo, que reduz as relações da natureza ao mundo inorgânico. Além disso, busca-se criar uma concepção global para definir uma nova metodologia, em que fazem parte conceitos como: organização, estrutura, forma, equilíbrio, estabilidade, assimilação, homeose, paisagem epigenética e auto-regulação. A ciência positiva na Biologia não é uma visão falsa, é parcial; se para essa, o organismo é somente matéria tomada como imutável e redutível às leis da física e da química, para os críticos dessa posição, ele é indissociável do conceito de estrutura, de hierarquia, de organização, de troca, equilíbrio, estabilidade e regulação.

Na parte I – *Reich e a sabedoria do corpo: auto-regulação no pensamento reichiano* – Bellini percorre a obra produzida por Reich, caracterizando-a pela presença de um pensamento plural, que se iniciou com a Biologia, desenvolveu-se com a Psicanálise, adentrou no Marxismo, desembocando na Orgonomia (estudo original), em que apresenta uma ação unitária, articulada e compenetrada. Com seu método de pesquisa – o Funcionalismo – Reich supera as questões mecanicistas e vitalistas ao trabalhar com a concepção interacionista entre corpo e mente, indivíduo e instituição, instituição e sociedade.

Em Reich, a auto-regulação não é um conceito formalizado, é um axioma, um princípio que se torna central em seu pensamento. O organismo humano é permanentemente atividade, movimento – ato de pôr-se para fora (e-moção) – e encontra-se no meio

ambiente, que limita sua ação e exige sua adaptação. Adaptação significa regulação orgânica, e toma formas ou modos de ser, que se apresenta como *Caráter*. Reich parte da Teoria da Libido de Freud e vai para o campo das formulações energéticas e funcionais para a idéia de identidade funcional antitética entre os estímulos psíquicos e somáticos. Em seu estudo, desenvolve os conceitos de potência e impotência orgástica associadas às funções do sistema nervoso vegetativo.

Para melhor compreendermos esses conceitos, podemos perceber que, quando os indivíduos, vivendo em uma sociedade altamente competitiva, bloqueiam suas angústias por meio de tensões musculares, represam a energia biológica ou biopsíquica em várias partes do corpo. Assim, o corpo vai sendo formatado de acordo com suas defesas psíquicas, constituindo o que Reich chama de “courças musculares”, que enrijecem o corpo fazendo-o perder a flexibilidade. Os aspectos do caráter aparecem a partir dos traços formais do comportamento do indivíduo, sua maneira de falar, sua fisionomia, as maneiras de ser do sujeito. A partir da formação do caráter, tem-se uma “economia” no processo adaptativo, uma vez que a repressão da energia dos instintos levou a uma forma ou estrutura que faz a mediação do indivíduo com o ambiente. O movimento de expansão – “prazer” – é um movimento de energia bioelétrica do centro à periferia do corpo; o movimento de contração – “desprazer” – é o direcionamento (angústia, “aperto no peito”) da energia bioelétrica da periferia para o centro do corpo. A auto-regulação é trabalhada não como um processo de conhecimento e, sim como uma sabedoria do corpo, que nos permitiria viver melhor sob as nossas blindagens. Para Reich, o intelecto pode agir nas duas direções do aparelho psíquico: em direção ao mundo ou para longe do mundo. Pode funcionar em uníssono com o afeto, mas também pode assumir uma posição crítica ao afeto. Não há uma relação mecânica, absolutamente antagônica, entre o intelecto e o afeto, mas antes uma relação funcional.

Na parte II do trabalho, Bellini nos apresenta: *Piaget e a sabedoria da mente: o conceito de auto-regulação na Epistemologia Genética*. Para Piaget, como biólogo, a sabedoria expressa a idéia de processo cognitivo como processo de vida, em que o organismo e a sociedade não podem ser separados do processo de pensar. A Epistemologia Genética não é uma teoria do conteúdo, mas da forma como se conhece o real e do conhecimento produzido. O sujeito “inter-age” com o meio físico, natural e cultural; o sujeito epistêmico é o Sujeito Universal – “[...] seria impossível estabelecer o que cada um tem de específico sem identificar o que é comum à espécie; seria difícil conceituar o que fosse cultural, sem considerar a forma, seria impraticável falar em conteúdo.” (1993, p. 81)

Piaget estuda a formação dos conhecimentos do ponto de vista interacionista – um interacionismo biológico entre um organismo estruturado pelas regulações internas e pelas influências do meio. Para a Epistemologia Genética, a Biologia é o substrato que permitirá – desde que haja ação do sujeito sobre o mundo que o rodeia – ao ser humano construir-se como ser pensante, ser social, “homem-humano”. A inteligência é, por definição, a adaptação às situações novas, e uma construção contínua de estruturas. É pela atividade e nela que o ser vivo torna-se efetivo. Sem as trocas – ação sobre o meio – não há estrutura. Porém, sem funcionamento – produção – não há troca. É o funcionamento, a partir da função (biológica) que se faz a estrutura. O funcionar é uma troca, mas essa se faz segundo uma direção, a da manutenção da integridade orgânica, ou seja, da adaptação. Adaptação contínua entre os dois opostos – assimilação e acomodação – é o processo de vida; o processo de auto-regulação.

Uma das fontes do processo de construção do conhecimento deve ser buscada nos desequilíbrios e nos conflitos que representam o papel de desencadeador do ato de conhecer; sua fecundidade está na possibilidade da própria superação, uma

reequilíbrio majorante. Na construção da inteligência, o equilíbrio e a criatividade são interdependentes e, na estruturação de novos conhecimentos, há também um sentimento muito novo que aparece na consciência do indivíduo, que é o sentimento de necessidade.

Na perspectiva do funcionalismo, toda atividade cognitiva procede de uma tendência à satisfação de uma necessidade, consistindo ela própria num desequilíbrio momentâneo, e sua satisfação numa reequilíbrio. O outro pólo da necessidade é o interesse. De um lado, o interesse é uma relação entre as necessidades do sujeito e as características do objeto – o objeto é tornado interessante na medida em que corresponde às necessidades (compensação). Para Piaget a relação da afetividade (sentimentos) com a cognição, retarda ou acelera a estruturação dos conhecimentos. A afetividade como uma forma de sabedoria, ou ainda, como uma energética da conduta, mesmo não sendo um mecanismo da cognição, é seu pólo indissociável. Piaget apropria-se do conceito de Pierre Janet de que a afetividade é a energética da conduta, e que essa energética é constituída por forças fisiológicas de reserva, que se acumulam, se esgotam ou se reconstituem segundo ritmos variáveis. Para ele, a conduta tem dois aspectos essenciais e interdependentes: o afetivo e o cognitivo; quer se trate de um ato em direção ao exterior, quer seja uma interiorização em pensamento, é sempre uma adaptação (troca entre o sujeito e o mundo exterior). Essa regulação rege a conduta, os sentimentos dão a finalidade, enquanto a inteligência fornece os meios ou a “técnica”.

Na parte III do trabalho, a autora discorre sobre *Afetividade e Inteligência*, buscando o que há de comum e em que diverge os dois autores estudados.

Para Bellini, a Biologia “teórica” contribui para se pensar o organismo em ação – “inter-ação” – vincula-se aos problemas psicológicos e epistemológicos; isto é, incorpora as questões da

afetividade e do conhecimento, que vimos na epistemologia biológica de Piaget e, no funcionalismo orgonômico de Reich. As duas teorias complementam-se por resgatarem concepções de homem e de vida integradoras. Não há lugar para o homem cindido em corpo e mente. O que se auto-regula é o corpo. O corpo age sobre o meio e, nesse curso, modifica e é modificado. Sua expansão sobre o mundo permite-lhe se auto-transformar e se adaptar às novas condições, e sempre em relação à sua ação. Se o corpo age, expande e muda, é sempre relativamente ao mundo que o cerca.

Por último, *A título de conclusão: A Biologia explica? Ela é suficiente?* A autora, como bióloga, diz que a partir da abordagem que apresentou de Reich e Piaget, a resposta é sim. A Biologia “teórica”, ao trazer o conceito de auto-regulação no processo de estruturação do conhecimento e no processo de construção do caráter, não busca superestimar o papel do sujeito em um sentido idealista, mas sim chamar a atenção para os recursos internos do organismo que estão sempre em construção. Bellini nos apresenta um estudo da Biologia “teórica” em que, ao fazer a crítica à ciência positivista e reducionista, busca no instrumental dialético e filosófico o suporte para uma abordagem do tipo global. Esta abordagem recorre à interdisciplinaridade (biologia “teórica”, psicologia, antropologia, epistemologia genética) – na forma de rede – processos de proliferação de seus objetos, em que deve existir uma estrutura de saber descentralizada com relação a diferentes níveis de conhecimento. São reflexões que se tornam polêmicas e que trazem energia e vida para a ciência.

Este estudo teórico-conceitual contribui para o desenvolvimento das ciências humanas, em especial, a área de Educação. Os educadores são carentes de compreensões totalizadoras que ajudem a subsidiar essa prática. Portanto, esse trabalho merece e precisa ser estudado.